

# NEGROS CLARINS: FLASHES DA MILITÂNCIA NEGRA E UM PERIÓDICO PAULISTA (1928-1930)<sup>1</sup>

**Maria Cláudia Cardoso Ferreira**  
mariaclaudiacardoso2@yahoo.com

**Resumo:** O cenário é a cidade de São Paulo na década de 1920. O personagem: o líder José Correia Leite envolvido na confecção do jornal *O Clarim d'Alvorada*, voltado para a população negra, com circulação naquela e em outras cidades, entre os anos de 1924 e 1932. O episódio: a organização do Primeiro Congresso da Mocidade Negra Brasileira, cogitado pelos militantes do jornal para o ano de 1929, o que não aconteceu. Neste artigo, intentamos encená-lo de novo a partir da leitura atenta e crítica dos artigos sobre esse evento publicado naquele periódico.

**Abstract:** The scenery is São Paulo city in 1920 decade. The character is the leader João Correa Leite, who was entailed in a production of the journal "*O Clarim d'Alvorada*", which was focused on black population, with circulation in that city and other cities, between the years 1924 and 1932. The episode is the brazilian black youth congress organization, pondered by journal militants to occur in 1929, but it did not occur. In this article, we intended to stage it again starting from a careful and critical lecture of the articles about this event published in that episode

O cenário é a cidade de São Paulo na década de 1920. O personagem: o líder autodidata José Correia Leite envolvido na confecção do jornal *O Clarim d'Alvorada*, voltado para a população negra, que circulou naquela e em outras cidades, entre os anos de 1924 e 1932. O episódio: a organização do Primeiro Congresso da Mocidade Negra Brasileira, cogitado pelos militantes do jornal para o ano de 1929, o que não aconteceu. Nesse artigo, intentamos encená-lo de novo a partir da leitura atenta e crítica dos artigos sobre esse evento publicado naquele periódico.

Pesquisas comprovam a existência de uma imprensa realizada por negros e, preferencialmente, para negros desde os primeiros anos do século XX.<sup>2</sup> No caso paulista, muitos jornais surgiram ligados às associações negras, fundadas com a finalidade de proporcionar espaços de sociabilidade e lazer voltados ao segmento negro que se sentia discriminado na maioria dos clubes e associações organizados pelos brancos. Tratava-se de uma imprensa adicional<sup>3</sup> que cuidava do ambiente sócio-cultural negro que não recebia atenção da imprensa geral. Os pequenos periódicos noticiavam os acontecimentos sociais realizados pelas organizações negras, serviam como espaço de expressão literária para poetas e prosadores e também funcionavam como um veículo educativo orientando os negros para uma nova sociabilidade dita "sadia", fundada nos valores burgueses coerentes com o novo ordenamento sócio-espacial: a cidade capitalista. O meio letrado negro na busca pela ascensão social, procurava a partir desses comportamentos mais "embranquecidos", diferenciar-se da maioria negra empobrecida e analfabeta ligada às manifestações culturais de matriz afro-brasileira, então, em grande parte, discriminadas. Alguns já insinuavam algumas linhas sobre a questão racial em São Paulo, porém sem profundas reflexões e sem propostas de ação efetivas. Os jornais mais conhecidos com estas características foram: *O Propugnador* (?-1907), da *Sociedade Propugnadora 13 de Maio*; *O Menelik* (1915-1916), em homenagem ao imperador etíope Menelike II<sup>4</sup>; *O Patrocínio* (1913-?), *A Pérola* (1911-1916), da *Sociedade Recreativa 15 de Novembro*; *O Binóculo* (1915-?), *O Xauter* (1916-1916), criado para combater o *Menelik* e o *Binóculo*; *A Rua* (1916-1916), *O Alfinete* (1918-1921), *O Bandeirante* (1918-1919), do *Grêmio*

<sup>1</sup> Agradecemos ao Dr. Sílvio de Almeida Carvalho Filho (UERJ/UFRJ) as críticas realizadas a esse texto. Contudo, todas as falhas devem-se só às minhas limitações. Disponibilizamos nosso e-mail para qualquer debate.

*Bandeirantes; A Liberdade (1919- 1920), A Princesa do Norte (?-1924) e 'O Kosmos' - órgão do Grêmio Dramático e Recreativo Kosmos (1922-1925)*<sup>5</sup>.

A imprensa negra funcionava como elemento aglutinador e formador de uma identidade racial, pois pelos jornais se tinha informação das atividades realizadas pelas entidades negras que em sua maioria promoviam eventos recreativos como chás, competições esportivas e bailes, ainda que a utopia fosse a prática beneficente, ou seja, promover a ascensão sócio-econômica do negro recém saído da escravidão. Na visão de Correia Leite, uma das poucas instituições que manteve o objetivo beneficente foi o Kosmos, pois tinham conseguido organizar um "corpo cênico e um jornal". No Kosmos não se tolerava a bebida, pois o objetivo da entidade era propiciar à família negra paulistana, um ambiente intelectual e literário.<sup>6</sup>

Com o passar dos anos, mais precisamente a partir de 1923, surgiu o jornal *Getulino*<sup>7</sup>, em homenagem ao poeta e advogado abolicionista Luiz Gama, iniciando-se uma nova fase da imprensa. Nela haveria uma preocupação maior com as questões sociais e políticas. O *Getulino*, que circulava em Campinas, era editado por um grupo de literatos e oradores negros, portadores de uma visão mais politizada do chamado "problema negro"<sup>8</sup>

Assim, assuntos como preconceito e discriminação racial, a baixa escolarização e o desemprego presentes no cotidiano negro passaram a compor a pauta de alguns periódicos produzidos pelos negros paulistanos. Outros jornais fizeram parte desse novo momento, como *Elite (1923-1924)*, do *Grêmio Dramático, Recreativo e Literário Elite da Liberdade; Auriverde (1927-1928)*, *O Patrocínio (1928-?)*, *Progresso (1928-1932)*; *Chibata (1932)*<sup>9</sup>, *A Voz da Raça (1933-1937)*, *Tribuna Negra (1935)*, *O Estímulo (1935)*. No entanto o que mais se destacou, fazendo a passagem de uma imprensa meramente informativa e de entretenimento para uma imprensa combativa e de militância política foi o *Clarim d'Alvorada*, surgido em 06 de janeiro de 1924, sob a responsabilidade de dois jovens negros: o técnico em contabilidade Jayme de Aguiar<sup>10</sup> e o recém alfabetizado José Correia Leite. Em suas memórias<sup>11</sup>, Leite afirmou que, no início, *O Clarim* (nome inicial do jornal), "era pequeninho, sem conotação política ou qualquer idéia de aproximação da comunidade negra. Era um jornal de notícias literárias, embora eu não fosse literato e mal tivesse acabado de ter as primeiras noções de gramática"<sup>12</sup>

O jornal era publicado mensalmente e interessou majoritariamente ao grupo que freqüentava as entidades negras como podemos confirmar através da nota de agradecimento publicada em 03 de fevereiro de 1924:

*"Para demonstrar o nosso contentamento e gratidão pela feliz aceitação, aqui depositamos as sociedades abaixo mencionadas os nossos agradecimentos: XV de Novembro, XIII de Maio, Paulistano, Primavera, Bandeirantes, Flor da Mocidade, União Brasil e Militar, Rio Branco e Princesa do Sul."*<sup>13</sup>

O contato com os organizadores do jornal *Getulino* as conversas travadas nas esquinas e bares até altas horas da noite, que quase sempre discorriam sobre a situação do negro no Brasil e as transformações socio-culturais presentes na década de 1920, influenciaram sobremaneira as idéias e atitudes de Leite e Aguiar e por conseqüência, o jornal que editavam. Em poucos meses, mais precisamente a partir de 06 de abril de 1924, *O Clarim* sofreu uma modificação em seu subtítulo, passando de "*Orgam Literário, Científico e Humorístico*" para "*Orgam Literário, Noticioso e Humorístico*". Ou seja, a partir dessa data, os jornalistas amadores assumiram o caráter militante do periódico e aos poucos, a questão racial, que era entendida pela maioria como um problema do próprio negro que não conseguira, até aquele momento, se adequar à sociedade urbana e burguesa em que São Paulo se transformara, foram sendo incorporadas em textos cujos títulos revelam um pouco do seu conteúdo: "*O Preto e a Pátria*", "*O Verbo do Preto*", "*Vivemos sem lar*", dentre outros. Um artigo intitulado "Por que queremos a confederação", de 25 de abril de 1926, era contundente ao afirmar que "no Brasil não existe o preconceito de raça como dizem vários patrícios, cremos que a nação não tem culpa dos brasileiros pretos, não serem esforçados."

No projeto de conscientização liderado por Leite e Aguiar, foi recorrente a publicação de artigos sobre o abolicionismo, biografias de alguns poetas negros como Castro Alves, Cruz e Souza e Luiz Gama, além de editoriais especiais nos dias considerados significativos para a história do negro

como o 13 de maio, o 28 de setembro (Lei do Voto Livre) ou do aniversário de morte de algum abolicionista, tanto negro quanto branco, ou mesmo de expoentes negros locais. Vale ressaltar que as atividades realizadas pelas inúmeras associações, clubes e centros culturais existentes na capital estavam contidas nas páginas do *Clarim d'Alvorada*. Suspeitamos que essa era a principal razão do sucesso do periódico no final da década de 1920, pois como não estava ligado a nenhuma associação negra, os militantes sentiam-se livres para publicar no jornal informações sobre as diversas sociedades, multiplicando assim, o número de leitores. Tática essa, confirmada por Correia Leite anos mais tarde:

*"O jornal O Clarim oferecia notícias pra que a gente pudesse ter aceitação no meio das entidades negras. Então eram anunciadas festas, bailes, casamentos... Através desse expediente, conseguíamos que a entidade distribuisse os jornais. Quando chegávamos no baile com os exemplares, o mestre-sala mandava parar a música e anunciava. Algumas moças da entidade iam vendendo para os frequentadores, a duzentos réis. Mas a gente tinha de ter muita habilidade, pois certas entidades não aceitavam esse intercâmbio."*<sup>14</sup>

Em fevereiro de 1928, o jornal assumiu o subtítulo: *"pelo interesse dos Homens Pretos - Noticioso, Literário e de Combate"* e passou a discorrer mais sobre a *"tão falada questão racial"* que se tornou o *"ponto principal do programa"*.<sup>15</sup> Analisando os subtítulos do jornal percebemos que seus objetivos transformaram-se com o passar dos anos. Os militantes foram abandonando lentamente os termos "científico" e "humorístico", que se remetia mais precisamente à dimensão cultural e passaram a atuar mais no campo político-social, o que denota os termos: "noticioso" e de "combate". Os subtítulos assinalavam então que os homens negros tinham interesses específicos, pois sofrendo o racismo, distinguiam-se dos brancos.

Nessa época, Leite já dividia com Aguiar a direção do periódico, ou seja, suas responsabilidades deixaram de ser apenas mecânicas e passaram também a ser intelectuais. O militante procurava estar a par de tudo que acontecia no meio negro local, além de também dialogar com outras experiências de ativismo em outros estados da federação e até mesmo fora do país. O contato com militantes afro-americanos, ligados ao movimento garveyista<sup>16</sup>, resultou na criação de uma coluna permanente no *Clarim d'Alvorada*, chamada "Mundo Negro"<sup>17</sup>, em que se discutia inúmeros temas voltados a questão da Diáspora Negra.

Neste mesmo ano, Correia Leite assumiu definitivamente o posto de editor responsável pelo jornal, já que Aguiar deixara a direção do mesmo para se casar. A manchete que inaugurou a gestão de Leite foi a campanha para se instituir o dia da "Mãe Preta" a ser comemorado em todo 28 de Setembro. A campanha saiu no dia 28 de setembro de 1928 e, salvo algumas posições contrárias, foi bem aceita, pois muitos jornais da imprensa paulista, ou seja, da "imprensa branca", publicaram a matéria do *Clarim d'Alvorada*.<sup>18</sup> Mas a construção da estátua de uma mulher negra amamentando um bebê branco, cercada dos personagens negros da história brasileira como queria Leite, não foi à frente. Somente em 1955, a estátua da Mãe Preta seria construída pela prefeitura de São Paulo, no largo do Paissandu, perto da Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Contudo, a imagem não corresponderia aquela pensada pelo militante no passado e nem pelos militantes do futuro.<sup>19</sup>

Meses mais tarde, com o objetivo de mudar o quadro de constante desinteresse dos próprios negros pela "questão racial", os militantes do *Clarim d'Alvorada*, sob a iniciativa de Correia Leite, propuseram a realização do Primeiro Congresso da Mocidade Negra Brasileira, em 1929. Vários artigos e até mesmo um manifesto foi publicado no sentido de sensibilizar os "patricios negros" para a causa. Nos deteremos agora sobre alguns desses textos, objetivando apresentar traços do pensamento dos ativistas negros no final da década de 1920. Assim, em 03 de fevereiro, houve a primeira chamada à realização do Congresso:

#### *Congresso da Mocidade Negra de São Paulo*

*"A nossa missão como arautos das idéias moças da geração que neste instante está se estabilizando, arrastou-nos à temeridade de o cogitar-mos a realização de um Congresso da Mocidade Negra de São Paulo, cujo escopo, será o de reunir a nata dos intelectuaes da raça, ao mesmo tempo que constituirá, um passo gigante no instante."* (...)

*(Sem assinatura)*

Numa correspondência da Bahia, publicada em 13 de maio do mesmo ano, temos as seguintes considerações:

#### O Congresso

*"è verdadeiramente bella a idea lançada pelo Clarim d' Alvorada, O Congresso da Mocidade Negra. Para todos a primeira interrogação será: que vão tratar elles? Que querem elles? Será alguma parada em formação? Não, nada disso: não é idea revolucionária, não vão tratar de fazer ataques grosseiros ou comparações absurdas. Não naturalmente, trata de solidificar uma grande idea! A instrução do negro no Brasil.*

*Como já se tem dito nestas colunas, o negro neste paiz não vive vegeta; não devemos ficar nessa liberdade esfarrapada, e não pense que é com fundações de partido e disputas legislativas que vamos conseguir nossa integralização, nem tão pouco é motivo para dar um chá dançante pela passagem do treze de maio. Não é isto. Os iniciadores da idea, apenas pedem que, devemos batalhar em favor do nosso máximo problema. A instrução e a formação dos negros dentro do lar, a obrigação sincera para com a família, porque só assim podemos ter elementos aptos para a defeza de nossas causas.*

*Negros congressistas do Brasil que seja o nosso programma, este ponto de partida a instrução."*

*(Bahia, maio de 29 - Maria Amália Amaral)<sup>20</sup>*

Como podemos ver acima, o Congresso interessou a militantes de outros estados. A leitora e, provavelmente militante de alguma agremiação baiana, vendo os debates contidos nos números anteriores e os desdobramentos nas reuniões realizadas pelo grupo do qual fazia parte, resolveu partilhar com os outros leitores brasileiros algumas reflexões. Uma de suas primeiras considerações foi deixar clara a finalidade primordial do encontro: "*a instrução do negro no Brasil*". Em seu discurso, procurou definir as bases do Congresso, excluindo do evento aqueles estudos de intelectuais, em sua maioria não-negros, vistos por difundir estudos sobre o negro, fazendo "comparações absurdas" com o grupo branco. Por outro lado, fica evidente a preocupação em dar um caráter científico e intelectual para o evento, quando informa que não seriam bem vindos aqueles negros interessados em "fazer ataques grosseiros", ou seja, os que de alguma maneira tivessem outros objetivos que não fossem o do conhecimento. Fica explícita a perspectiva política dos ativistas negros que, na busca por romper com as representações comumente veiculadas sobre o negro, buscava a integração na sociedade brasileira, mas em igualdade de direitos e deveres.

Percebemos que se tratou de um movimento que congregou sujeitos que combinaram em suas práticas, a dimensão sociocultural do intelectual enquanto cidadão e mediador cultural, com a dimensão política marcada pelo engajamento.<sup>21</sup> Sujeitos esses, mais inseridos intelectualmente que passavam a se interessar pelo conjunto da população negra brasileira. Nesse sentido, asseguravam aos negros mais "instruídos", considerados como a "intelectualidade negra", a missão de propor mudanças às condições de vida do restante da população negra que vivia à margem. Havia nessa perspectiva uma tentativa de unir os dois lados.

Ainda neste mesmo número, um outro artigo, agora assinado por Leite, teceu considerações parecidas com as da militante baiana.

#### *A mocidade negra*

*"(...) O elemento negro já sabe que precisa trabalhar para a sua integralização moral e material; é uma conquista imprescindível, é uma necessidade inadiável que nos apresenta, é a maior consagração que se pode oferecer a memória do nosso antepassado. E será também a segurança do futuro da nova geração que vem surgindo e precisa por força, encontrar o exemplo da nossa vitalidade moral, em volta das tantas ideas sans que temos defendido e semeando no seara do bem e do bom viver.*

*Depois de oito lastros de liberdade os remanescentes dos ex-escravos tiveram de lutar, para não ficar intoxicados pela cachaça e outros vícios... Ficaram libertos, porém, sem pão nem lar, embrutecidos pelos martyrios do maldito regimem, tiveram também de enfrentar as correntes immigratórias que sempre foram bem remuneradas e amparadas por todas as leis do nosso paiz... Do negro ninguém cuidou, elle que fora a verdadeira machina de trabalho, para a construção dos alicerces do progresso que hoje assistimos, mas que a mocidade negra não toma parte activa, na*

*tumultuosidade dessa lufa-lufa diária. E, esta folha que, de uma feita adquiriu a confiança da classe, e tornou-se o legítimo arauto da nossa mocidade, que ainda não está aparelhada devido a falta de coesão daquelles que, que até esta data, festejam o treze de maio nas reuniões dansantes, e não numa reunião reivindicadora e nacionalista, espera que os moços de côr sensatos, cumpram seus deveres, alistando-se no primeiro Congresso da Mocidade Negra do Brasil.<sup>22</sup>*

(José Correia Leite)

Há no texto acima, como na idéia do Congresso, a idéia de se promover um novo patamar para uma nova geração negra que, apesar de não ter conhecido a escravidão, continuava a ter baixíssimos padrões de vida. Leite critica a finalidade do associativismo negro voltado essencialmente para as comemorações festivas sem projetos mais transformadores. Os exemplares do jornal *O Clarim d' Alvorada* nos certifica da existência de inúmeros clubes dançantes e grêmios carnavalescos, além dos famosos regionais. Os negros mobilizavam-se para tais reuniões sociais, mas os militantes tinham outras propostas, ao que parece, pelo menos naquele momento, pouco entendidas pela maioria, uma vez que, tanto os espaços mais elitizados quanto os mais empobrecidos não aderiram à proposta do Congresso. Em artigos posteriores, Leite também iria reclamar da falta de interesse dos negros elitizados que, segundo a documentação, "não queriam se misturar". Atitude recorrente entre aqueles "branqueados socialmente" que creditavam suas ascensões ao esforço individual, sendo, portanto, contrários às iniciativas político-sociais, voltadas ao fortalecimento do negro enquanto segmento racial. Muitos viam o processo de branqueamento, seja social, seja biológico, como inevitável e positivo.<sup>23</sup>

No texto acima, escrito cinco anos após a fundação do jornal, podemos observar algumas mudanças no discurso de Leite, denotando uma associação entre as condições de vida da população negra e o projeto de sociedade brasileira em voga, ao afirmar que os negros "*ficaram libertos, porém, sem pão nem lar*", além de terem de enfrentar "*também as correntes imigratórias que sempre foram bem remuneradas e amparadas por todas as leis do nosso paiz...*". O militante tecia análises que articulavam história e política, relacionando o quadro de exclusão social vivido pela população negra, à maneira como ocorreu o fim da escravidão e a implantação do trabalho assalariado no país. Outra questão interessante apontada no texto é a acertada relação feita entre a acumulação primitiva de capital, ocasionada pelo trabalho não remunerado do negro, à inserção na economia capitalista experienciada por setores produtivos da sociedade brasileira naqueles anos. Vemos nessas linhas uma tentativa declarada do militante, em relacionar o trabalho compulsório do negro no passado recente, ao progresso urbano e industrial que, em particular, São Paulo experimentava.

Em 09 de junho de 1929, foi lançado na primeira página do jornal *O Manifesto do Congresso*, escrito pelo professor Arlindo Veiga dos Santos.<sup>24</sup> Veiga dos Santos era formado em letras e filosofia e na época já tinha livros publicados, ao contrário de Leite que não concluía nem o primário. Arlindo imprimia prestígio à estruturação do Congresso, ao assumir publicamente a participação em seus quadros organizativos.

Em 14 de julho do mesmo ano, Jayme de Aguiar, antes parceiro de Leite, também escreveu no *Clarim d' Alvorada* conclamando os patrícios negros a participarem do encontro. Dizia que "*não se trata de uma reunião de propriedade do nosso amigo Leite não: nem tão pouco de exhibições de dotes literários, científicos*". Aguiar tentava despersonalizar o Congresso, além de fazer a coletividade negra entender que não se tratava de um encontro elitista, mas sim voltado aos que desejavam "*a ascensão de sua raça que é nossa, para que não se propale alto e ao bom som: \_ Eis ahí, um gigante forte laborioso de hontem, ora adormecido*".<sup>25</sup> Vale salientar que o ontem de Aguiar, seria o passado escravista, em que a mola mestra era o trabalho do escravo negro, abolido em 1888. Daí a metáfora, ainda que paradoxal: gigante adormecido. Ou seja, os militantes se remetiam ao período escravista para exaltar o papel do negro na sociedade brasileira, pois no presente, segundo suas percepções estava esquecido, colocado à margem, e em seu lugar "as correntes imigratórias".

No número supracitado Leite direcionou crítica virulenta às "agremiações dançantes" que não se mobilizavam para a realização do referido Congresso. Criticou uma suposta "neutralidade" das agremiações, que na verdade impediam seus associados de participarem dos preparativos para o encontro. Afirmou que "algumas sociedades dançantes, seguem a vontade absoluta de um

membro que faz o que entende sem consultar alguém, e assim mata o apoio que podíamos obter da mocidade de São Paulo".<sup>26</sup> Como vemos, o militante denunciava uma espécie de manipulação existente no meio negro por aqueles que lideravam as entidades associativas, na maioria das vezes sujeitos mais instruídos e mais socialmente integrados *à* *habitus* burguês, mais preocupados em construir ao seu redor um grupo cativo de admiradores. Leite foi mais longe ao dizer que estes "não percebem a decadência moral da nossa mocidade que, despreocupadamente, vai descendo cotidianamente, para o lamaçal da ignorância dansando sempre e sempre dansando".<sup>27</sup>

Outros textos conclamando a mocidade negra a participar do Congresso foram escritos, mas tal iniciativa não foi bem aceita pelos negros que não eram ativistas. Fora isso, no próprio meio militante havia algumas controvérsias em relação ao teor do Congresso. Discutiam no jornal se deveriam participar só a juventude negra ou se não seria melhor que fosse um encontro aberto a todos os brasileiros. Além disso, polemizavam sobre a legitimidade e capacidade intelectual dos congressistas, uma vez que o evento se propunha a convidar um conjunto de intelectuais, de preferência negros, para expor suas teses. O golpe final que impediu a realização do Congresso foi a crise política que abateu o país no processo de sucessão presidencial entre 1929 e 1930. Assim, as palavras de Correia Leite dão uma idéia do que foi 1930, também para o movimento negro:

*"Nós tivemos de parar também porque em 1929 começou aquela agitação da campanha de Getúlio Vargas e Júlio Prestes. (...) Isso absorvia muito, principalmente o negro que, com toda a marginalidade, era muito interessado em política, sempre gostou dos assuntos de política. (...) 1929 tinha sido o ano de uma recessão muito grande e as conseqüências na situação do negro foram graves, muito mais do que está acontecendo hoje. Então, o movimento político fez a gente ir esmorecendo da idéia da realização do Congresso".<sup>28</sup>*

Intentamos dividir com você, nosso leitor, algumas reflexões sobre o ativismo negro que existiu na cidade de São Paulo nas primeiras décadas do último século. Temos percebido em nossa pesquisa que ao contrário do que se pensava, os negros no pós-abolição não estiveram apáticos, tampouco, mantiveram-se inativos no que concerne à produção de atividades de natureza político-reflexiva. Muito pelo contrário, podemos perceber que diversas organizações sociais, políticas e culturais eram florescentes e pujantes, mesmo num ambiente sócio-político que pouco incentivava a participação desta parcela da população. O estudo da mobilização negra, em especial do papel desempenhado pelos ativistas negros envolvidos com a imprensa negra, vistos como os mais intelectualizados do meio, torna-se importante para compreender a história do movimento negro e conseqüentemente, da própria sociedade brasileira.

<sup>2</sup> Cf. Bastide, 1973; Ferrara, 1986.

<sup>3</sup> Bastide, 1973:130. Assim como a imprensa feita pelos negros norte-americanos na época.

<sup>4</sup> Menelik II foi o insólito dirigente africano não derrotado na luta contra o colonialismo europeu, desse modo a Etiópia tornou-se o único estado africano vencedor. em fins do século XIX, de uma potência "branca", a Itália, em suas ambições imperialistas na África (1896). Essa foi "a maior vitória de um africano contra um exército europeu desde a época de Aníbal". Por isso, esse imperador tornou-se um dos símbolos das lutas dos negros na África e na América contra a hegemonia branca (cf. Akpan, 1991:281-286).

<sup>5</sup> Cf. Domingues, 2004:349

<sup>6</sup> Leite, 1992:33 Essa preocupação das associações negras em mudar um suposto quadro de anomia social foi estudada por Fernandes (1978-vol.I), em que o problema do alcoolismo, da criminalidade, da vida familiar fragmentada e de uma certa libertinagem sexual decorriam do despreparo do negro em relação ao novo ordenamento social, mas também do preconceito da aristocracia paulista que mesmo após a escravidão operava com valores escravistas. Entretanto, Andrews (1998:127-134) apoiado em outros estudos esclareceu que o número de casamentos aumentou nos primeiros anos pós-emancipação Stein (1985:262.npp), tese corroborada por Fausto (1984:58). O índice diminuiu entre os indivíduos nascidos entre 1921 e 1930 indicando um maior impacto da Grande Depressão sobre os negros, a ocorrência do casamento tardio entre esse segmento, mas substancialmente, as dificuldades que os negros tiveram de conseguir um trabalho formal. Sobre o alcoolismo, o autor informou que essa não era uma realidade somente do meio negro. Analisando a imprensa operária e da comunidade estrangeira, encontrou uma série de críticas dos militantes aos comportamentos anômicos tanto de nacionais quanto de estrangeiros. Para muitos não seria a herança escravocrata, mas o ambiente fabril, ou melhor a "vida industrial moderna a causa dos males que afetavam toda a classe trabalhadora, tanto brancos quanto negros".

<sup>7</sup> Getúlio era o pseudônimo de Luiz Gama.

<sup>8</sup> Leite, 1992:38 O poeta Lino Guedes que é considerado o primeiro escritor negro do século XX a fazer da questão racial, motivação

para sua produção literária foi editor do jornal *Getulino*. Os depoimentos informam que Guedes fazia uma poesia de cunho social que destoava do modelo parnasiano em voga no início do século. Sobre Lino Guedes ver Brookshaw, (1983) e Bernd, (1986).

<sup>9</sup> O *Chibata* saiu em forma de pasquim e foi editado pelo pessoal do Clarim d'Alvorada para combater os dirigentes da Frente Negra Brasileira.

<sup>10</sup> Jayme de Aguiar era amigo de infância de Correia Leite e foi encontrado num clube negro. Aguiar que era "protegido" dos Paula Souza, família influente na sociedade paulista desde o período da escravidão, foi quem ensinou Leite a ler e escrever, já na vida adulta e depois o convidou para ajudá-lo no jornal com a função de tipógrafo.

<sup>11</sup> Em todos os documentos respeitamos a grafia das palavras e as formas gramaticais utilizadas, preservando-se, desta maneira, o documento original.

<sup>12</sup> Leite, 1992:29

<sup>13</sup> O *Clarim*, 03/02/1924 ano I, no. 2.

<sup>14</sup> Leite, 1992:59

<sup>15</sup> Leite, "As verdadeiras verdades". O *Clarim d'Alvorada*, ano I, 2ª fase p.2 05/02/1928.

<sup>16</sup> O garveysmo se remete ao jamaicano Marcus Garvey presidente da Associação Universal para o Levantamento da Raça Negra que existiu nos EUA e tinha em sua meta fundar um Estado independente em que pudessem viver todos os negros que estavam na diáspora. O Garveysmo pode ser considerado um dos precursores do pan-africanismo que mais tarde, na década de 1950 fundou o movimento da *Negritude*. Cf. Nascimento, 1981:81-86

<sup>17</sup> Leite, 1992:78.

<sup>18</sup> Leite, 1992:40

<sup>19</sup> Cf. Leite, 1992:99; Andrews, 1998:336 npp.

<sup>20</sup> Amaral, "O Congresso", O *Clarim d'Alvorada*, 13/05/1929, ano IV, no. 5, p. 2

<sup>21</sup> Sirinelli, 1996:242-243

<sup>22</sup> Leite. "A mocidade negra", O *Clarim d'Alvorada*, 13/05/1929, ano IV, no. 5, p. 5

<sup>23</sup> Domingues, 2004:281-282

<sup>24</sup> Veiga dos Santos tornou-se, em 1931, o presidente da Frente Negra Brasileira, a primeira organização do movimento negro no Brasil de caráter nacional, existente até o ano de 1937. A Frente Negra organizou uma escola, tinha um departamento esportivo, atendimento médico e jurídico e, em 1936, fundou o primeiro e único partido político negro brasileiro. (Pinto, 1996; Oliveira, 2002)

<sup>25</sup> Aguiar, O *Clarim d'Alvorada* "Devemos fazer o Congresso" 14/07/1929, ano VI, no. 5, p. 1

<sup>26</sup> Leite, O *Clarim d'Alvorada* 14/07/1929, ano VI, no. 5, p. 1

<sup>27</sup> Leite, O *Clarim d'Alvorada* 14/07/1929, ano VI, no. 5, p. 1

<sup>28</sup> Leite, 1992:91